



KHRONOS, REVISTA DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA

APRESENTAÇÃO DO EDITOR

Editorial

A historiografia da História da Ciência é um tema de alto interesse para os nossos leitores. Como ocorre na História em geral, há várias correntes teóricas em cena, e mesmo conceituações de várias décadas atrás permanecem em disputa na atualidade, como ilustrado em artigos da *Khronos*, a exemplo daquele de Lewis Pyenson no número 14 desta revista.

O número 16 da *Khronos* abre justamente com um ensaio de Alexander Lima Reis sobre a mudança do estatuto da verdade em face do desenvolvimento da ciência. Questionando a noção de objetividade para atingir verdades universais antes unanimemente atribuídas à ciência, o texto defende modelos relacionais e verdades contingentes, relatando o impacto dessas ideias na produção historiográfica. Permanece em aberto, no entanto, uma discussão sobre se a ciência ainda procura uma verdade, mesmo que transitória, ou se o exercício da ciência tem sido um mero embate de grupos políticos formados dentro das práticas de investigação teórica e experimental.

A climatologia histórica ainda é um terreno que precisa ser desbravado, pois os dados de temperatura e outras variáveis ambientais são relativamente poucos e, em especial, não há uma rede sul-americana de integração desses conhecimentos. Paulo Galarça e Jefferson Cardia Simões relatam como ondas de frio intenso foram registrados no Rio Grande do Sul, inclusive com o raro fenômeno de neve nas praias do estado. Essas ocorrências levaram à criação de um serviço meteorológico estadual no início do século XX.

A seguir há uma série de artigos tendo como fundo a história das ciências da saúde. O primeiro tema explorado é o das pílulas norte-americanas “do Dr. Williams”, que são analisadas no contexto de anúncios de um jornal do Ceará nas primeiras décadas do século XX. Segundo argumentam Léo Neto e Kelly Fernandes, esses anúncios trazem evidências ideológicas da eugenia e de uma sutil discriminação de cor, gênero e classe social, centralizadas no tratamento a supostas enfermidades do sangue.

Aridnáj Lima explora historicamente e critica a “fabricação” de doenças mentais. O tema se tornou importante principalmente depois da Segunda Guerra Mundial e revela uma prática tornada possível graças à conjunção de três fatores: a) o discurso biologizante do modelo médico hegemônico; b) o “Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais”, amplamente utilizado pelos servi-

ços públicos e privados de saúde mental da Europa e Américas; c) e os meios de comunicação de massa a serviço da propaganda da indústria farmacêutica.

O desenvolvimento dos conhecimentos de genética e biologia molecular possibilitaram um impressionante aperfeiçoamento de técnicas agrupadas na denominação de “biotecnologia”. Rômulo Ferreira, Francisco Queiroz e Lauro Carvalho examinam como essa história se transformou numa indústria com um mercado internacional bastante disputado, envolvendo inclusive controvérsias notórias como a dos produtos transgênicos. O Brasil criou ao longo do século XX uma tradição de pesquisa em institutos governamentais que lhe possibilitaram se inserir com destaque nesse campo, em especial na biotecnologia vegetal.

O farmacêutico alemão Theodor Peckolt se estabeleceu no Rio de Janeiro na metade do século XIX, incentivado pelo famoso explorador Von Martius. Rodrigo Silva e Karina Randau contam como três gerações da família Peckolt se dedicaram à pesquisa em botânica e à fitoterapia. A descoberta de princípios ativos de origem vegetal e sua incorporação à farmacopeia brasileira são lembrados como incentivo a novas pesquisas historiográficas.

A entropia termodinâmica é reconhecidamente um conceito controverso. As contribuições fundamentais de diversos cientistas à nova ciência da termodinâmica envolvem um longo percurso, de Lazare Carnot e Sadi Carnot até Ludwig Boltzmann. Regina Carvalho, Alexandre Carvalho e Carlos Eduardo Laburú propõem seguir historicamente os passos de Rudolph Clausius na segunda metade do século XIX, que terminaram por propor a entropia no sentido ortodoxo que o conceito tem hoje. Segundo os autores a sequência histórica permite uma compreensão melhor do tema.

A edição se encerra com nossa resenha do livro *Diagnóstico da desestruturação da pesquisa científica ambiental e do Sistema de Áreas Protegidas no Estado de São Paulo, Brasil*, recém-lançado pela Associação dos Pesquisadores Científicos do Estado de São Paulo. Trata-se de grave denúncia contra o avanço das políticas neoliberais de privatização, que culminaram com a colocação em perigo das pesquisas de três institutos centenários, o Botânico, o Geológico e o Florestal. São dificuldades do tipo que já sentem as instituições acadêmicas, em que a busca de resultados imediatistas obscurece a tarefa maior que é a de aumento e compartilhamento do conhecimento, de que se ressente o próprio CHC e suas publicações, como a *Khronos*.

Esperamos que tempos melhores sobrevenham e desejamos que os leitores possam desfrutar os artigos aqui apresentados.

Gildo Magalhães

Editor